

Resumo Expandido

Semelhanças estruturais e diferenças específicas entre a Fenomenologia/Semiótica peirceana e a Teoria das Matrizes da linguagem e pensamento

GUSTAVO RICK AMARAL

Palavras-chave: Filosofia peirceana; Semiótica peirceana; Axiomatização, Matrizes da linguagem.

Apresentação da proposta de pesquisa

A proposta dessa pesquisa é desenvolver uma análise das fundações conceituais da Teoria das Matrizes elaborada pela semioticista brasileira Lucia Santaella em dois empreendimentos teóricos elaborados pelo filósofo e lógico norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914): a Fenomenologia e a Teoria Geral dos Signos (primeiro ramo da Semiótica). Esta pesquisa é de tipo básico, não havendo preocupações imediatas com a sua aplicabilidade. Seu objeto de estudo é de natureza conceitual. Embora não se possa negar que a eficácia de uma teoria encontra-se nos possíveis efeitos sensíveis que ela possa porventura provocar, esta pesquisa é eminentemente teórica. Sabe-se do valor que conceitos bem ajustados e operacionalizáveis desempenham para suas futuras aplicações. Esse é o escopo desta pesquisa cuja tarefa analítica está voltada para as fundações da Teoria das Matrizes e se dividirá em duas grandes frentes de trabalho (que, embora possam ser apresentadas de modo separado, serão desenvolvidas paralelamente ao longo da pesquisa): a primeira delas consiste numa análise do argumento que sustenta a tese central da teoria em questão; e a segunda frente consiste num estudo comparativo entre a estrutura lógica desenhada pelos conceitos da Fenomenologia e Teoria Geral dos Signos (em seus respectivos domínios) e a estrutura lógica desenhada pela Teoria das Matrizes.

1. Considerações acerca das hipóteses de semelhanças estruturais e diferenças específicas entre teorias sob análise

Na obra na qual foi apresentada a Teoria das Matrizes, a semioticista Lucia Santaella ([2001] 2005) perfaz um duplo movimento argumentativo com relação à natureza das linguagens. Ao mesmo tempo em que reconhece a impossibilidade de se considerar uma linguagem como um sistema puro de signos, a semioticista admite a possibilidade de se entrever por trás da natureza necessariamente híbrida das linguagens três matrizes a partir das quais são combinados aspectos elementares provenientes de uma matriz (ou mais que uma) de maneira a gerar qualquer linguagem. Na obra, esta possibilidade não foi admitida com base apenas em sugestões intuitivas do funcionamento de linguagens específicas (nem numa classificação exaustiva das linguagens existentes) e também não foi postulada em moldes já tradicionais dentro da filosofia (como um argumento transcendental¹, por exemplo). Ao invés disso, a possibilidade de se “explicar” o conjunto diversificado das linguagens em função de três matrizes nasce da formulação de uma hipótese: há uma semelhança entre a “lógica” delineada tanto nas categorias fenomenológicas como nas classes sígnicas apresentadas por Peirce e a “lógica” delineada por qualquer linguagem humana. Esta hipótese assume que certas propriedades básicas das categorias fenomenológicas peirceanas (tais como a capacidade de organizar os elementos que estejam subsumidos nestas categorias dentro de uma hierarquia específica) que são transmitidas às classes de signos também podem ser encontradas nas linguagens humanas. É como se certos caracteres lógicos presentes na Teoria das Matrizes fossem herdados da Teoria Geral dos Signos (que, por sua vez, os herdou da Fenomenologia). Estas semelhanças são evidentes: a primeira das matrizes (a chamada matriz sonora) está relacionada à primeira categoria fenomenológica e um primeiro “tipo” sígnico (Quali-signo, por exemplo); a segunda matriz (a matriz visual) está relacionada à segunda categoria fenomenológica (secundidade) e ao segundo “tipo” sígnico (Sin-signo); e a terceira das matrizes (matriz verbal) está relacionada à terceira categoria fenomenológica (terceiridade) e ao terceiro “tipo” sígnico (Legi-signo).

É esta hipótese de que há uma semelhança fundamental² entre a Fenomenologia e a Teoria Geral dos Signos (elaboradas por Peirce), por um lado, e o conjunto das linguagens humanas (concebíveis), por outro, que cria grande parte da sustentação da tese das três matrizes. A tese central da teoria, portanto, declara que as três matrizes não apenas são suficientes (para gerar todo e qualquer tipo de linguagem) como também são irredutíveis (uma com relação à outra). Estas propriedades (suficiência e irredutibilidade), por exemplo, são características que também podem ser atribuídas a elementos apresentados tanto na Fenomenologia como na Teoria Geral dos Signos. Há que se deixar claro também que, conforme foi apresentada na obra, a teoria acerca das matrizes possui um claro apoio externo ao pensamento peirceano, uma espécie de corroboração independente, uma vez que esta divisão entre sonora/visual/verbal tem uma

¹ Os chamados argumentos transcendentais são aqueles em que se tenta demonstrar a necessidade de um princípio mostrando que nele estão expressas as condições de possibilidade sem as quais alguma atividade (como o conhecimento ou a experiência) deixaria de ser inteligível. É dessa forma que Kant pretendeu fundamentar determinados princípios (como a “lei da causalidade”), que funcionariam, então, como condições de possibilidade de nossa experiência (TUGENDHAT e WOLF, 1996, p. 47).

² Na verdade, de acordo com alguns preceitos gerais da organização arquitetônica das ciências concebida por Peirce, a Teoria Geral dos Signos decorre da Fenomenologia e, então, seria mais preciso que disséssemos que aquela herda desta uma estrutura triádica (a semelhança, portanto, seria de caráter estrutural).

surpreendente semelhança com a teoria da modularidade da mente humana que é uma proposta teórica levantada no campo das ciências cognitivas pelo cientista norte-americano Ray Jackendoff. Esta teoria da modularidade apresenta o musical, o visual e o verbal como módulos fundamentais da mente humana. Entretanto, ainda que pontos de apoio independentes sejam importantes para um entendimento geral da teoria em questão, a análise que pretendemos desenvolver dos argumentos apresentados pela semioticista deve se restringir apenas aos pontos de ligação (explícitos ou implícitos) entre a teoria das matrizes e o pensamento peirceano.

A Teoria das Matrizes não foi desenvolvida somente com base numa semelhança geral com relação à Fenomenologia e à Semiótica, mas foi elaborada também com base em diferenças específicas. Antes mesmo de tratarmos das especificidades da Teoria das Matrizes, apontemos para o fato de que, apesar de possuírem estruturas familiares, há diferenças muito claras entre a Teoria Geral dos Signos e a Fenomenologia (o que é, inclusive, refletido nas terminologias técnicas distintas desses campos teóricos). Por exemplo, a relação de dependência que (dentro do domínio da Fenomenologia) é encontrada entre a terceira e segunda categoria e também é encontrada entre a segunda e a primeira categoria reaparece (dentro do domínio da Teoria Geral dos Signos) na relação de dependência entre o Legi-Signo e o Sin-signo e também na relação de dependência entre Sin-signo e o Quali-signo. Porém, essas relações abstratas ganham contornos específicos em cada um desses domínios. Na Teoria Geral dos Signos (primeiro ramo da Semiótica peirceana), a relação de dependência entre Legi-signo e Sin-signo é denominada por “relação de instanciação” (que pode ser considerada um “tipo” de dependência) e a dependência entre o Sin-signo e o Quali-signo é uma “relação de envolvimento” (outro “tipo”, portanto). Tendo estas distinções em vista, uma das hipóteses com a qual trabalharemos nesta pesquisa é de que deve também haver no âmbito da Teoria das Matrizes diferenças específicas (ainda que haja uma semelhança geral com relação a suas “fontes” peirceanas). Consideramos, por hipótese, que tais diferenças específicas são devidas não só a diferenças no escopo de cada uma dessas teorias (ou dessa quase-ciência, no caso da Fenomenologia), mas, sobretudo, a diferenças nos domínios. Detalhemos, então, esta questão referente à distinção entre escopo e domínio de cada um desses empreendimentos teóricos.

Por exemplo, o domínio da ciência ou quase-ciência Fenomenologia é o conjunto de todos os fenômenos e o objetivo dessa quase-ciência é organizar estes fenômenos dentro de categorias universais e expressar as relações entre elas. Ou seja, para que algo possa ser considerado como digno de ser objeto dessa quase-ciência, este “algo” deve cumprir a condição de ser um fenômeno (e a definição peirceana para o termo fenômeno é “tudo aquilo que estiver presente à mente”³). Por sua vez, o domínio da Teoria Geral dos Signos é o conjunto de todos os signos e o objetivo dessa teoria é organizar estes signos dentro de classes e expressar as relações entre elas. Ou seja, para que algo seja objeto da Teoria Geral dos Signos é preciso que este “algo” seja um signo e uma definição peirceana para signo é “qualquer coisa que conduz uma outra (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*” (Peirce, 2003, p. 74 ou CP 2.303). Finalmente, o domínio da Teoria das Matrizes é o conjunto de todas as linguagens e o objetivo dessa teoria é organizar estas linguagens de acordo com a noção de matriz e expressar as relações entre elas. Ou seja, para que algo possa ser

³ Para Peirce, o termo “fenômeno” (derivado da palavra grega “*phainómenon*” ou latina “*phaenomenon*”) faz referência a tudo que estiver de qualquer modo e em qualquer sentido presente a uma mente, desconsiderando-se se há alguma correspondência a algo real ou não (CP 1.284).

considerado objeto dessa teoria, ele deve ser uma linguagem (e uma definição prévia e simples que podemos dar neste projeto é que linguagem é “um sistema [minimamente]⁴ organizado de signos”⁵). Explicadas as diferenças entre escopo (ou objetivo) e domínio, passemos para um breve exemplo do que pode ser uma diferença específica.

Uma das principais especificidades apresentadas na Teoria das Matrizes (com relação aos empreendimentos teóricos peirceanos nos quais ela está fundamentada) é o conceito de “eixo”. Este conceito tem um importante papel na economia interna da teoria em questão, uma vez que o eixo, nesse caso, funciona como uma “linha mestra” sobre a qual se desenvolvem as classificações das linguagens. Por exemplo, linguagens predominantemente sonoras (primeira matriz) se desenvolvem em torno de um eixo específico, que, de acordo com Santaella, é o da sintaxe (2005, p. 79). As linguagens predominantemente visuais e verbais (segunda e terceira matrizes) se desenvolvem sobre os eixos da forma e do discurso (respectivamente). Ainda que entre cada um desses eixos estejam presentes as mesmas relações de dependência (e também de independência) que “organizam” as categorias fenomenológicas e que ajudam a “qualificar” as classes de signos, não há no âmbito da Fenomenologia nem no da Teoria Geral dos Signos algum conceito que tenha o papel desempenhado pelo conceito de eixo no âmbito da Teoria das Matrizes. Portanto, conceitos como este (bem como o papel que eles desempenham na teoria) podem ser considerados pontos de avanço no sentido de que tais conceitos são propostos com o intuito de fazer com que o abstrato maquinário conceitual peirceano avance na direção de domínios menos abstratos ao mesmo tempo em que possam assegurar uma infra-estrutura lógica a sistemas teóricos novos e mais específicos.

2. Problema de pesquisa e justificativa

Desde que foi publicada, no ano de 2001, a teoria apresentada por Santaella em Matrizes da Linguagem e Pensamento tem dado subsídios para inúmeros estudos de semiótica aplicada e análises teóricas voltadas para outros campos do conhecimento (cf. Borges, 2010; Cardoso, 2010; Chiachiri, 2008). Ainda que, nesta última década, tenha havido um considerável sucesso na aplicação da teoria a eventos e fenômenos mais localizados, esta é uma contra-parte prática do trabalho científico que de forma alguma dispensa a necessidade em se desenvolver, nas próximas décadas, estudos (de caráter mais teóricos e conceituais) relativos à fundamentação e relativos a possíveis expansões da infra-estrutura conceitual dessa teoria com vistas a aplicações em áreas correlatas aos estudos de linguagem (tais como neurociência, ciências cognitivas, inteligência artificial, robótica, etc.). Devido à escassez no que diz respeito a estudos mais aprofundados das fundamentações da teoria em questão, o problema posto neste projeto é como estabelecer, dentro de um quadro formal, os pontos de contato e os pontos de avanço presentes na Teoria das Matrizes com relação aos empreendimentos teóricos peirceanos sob os quais ela foi erigida.

⁴ Este termo “minimamente” se refere à exigência de que tal sistema deve possuir, ao menos, rudimentos de sintaxe para ser considerado uma linguagem.

⁵ Tanto a Fenomenologia como a Teoria Geral dos Signos e a Teoria das Matrizes serão tratadas como teorias, isto é, corpos teóricos que versam, respectivamente, sobre fenômenos, signos e linguagens (cada um com seu escopo). A concepção de uma teoria como uma estrutura (de caráter lógico-matemático) que tomamos da chamada abordagem semântica (em filosofia da ciência [Suppe, 1977], [da Costa e French, 2000]) será explicitada no item desse projeto dedicado à metodologia de pesquisa. entendimento de teoria e estrutura. E dedicamos também um item específico ao recorte do *corpus*, uma vez que, como essa pesquisa visa traçar uma análise comparativa de caráter estrutural e elaborar um estudo de caráter fundacionista (da Teoria das Matrizes nas suas “fontes” peirceanas), não poderemos tratar da totalidade desses referidos corpos teóricos.

Um estudo fundacionista do tipo proposto nesta pesquisa justifica-se não só pela contribuição para uma teoria específica (a das matrizes), mas pelas possibilidades de caráter heurístico que os esclarecimentos e as formalizações conceituais (que serão desenvolvidas ao longo do curso desse estudo) podem abrir com relação às “fontes”, uma vez que estarão sendo investigados também alguns modos pelos quais se pode basear uma teoria específica no amplo edifício teórico peirceano. Por este exato motivo, classificamos esta pesquisa como um trabalho de análise comparativa e não como um trabalho exegético dos textos que compõem o *corpus*.

3. O corpus da pesquisa

Com relação à Fenomenologia, ainda que dediquemos alguma atenção aos textos nos quais Peirce apresenta essa quase-ciência (isto é, os dois primeiros capítulos do terceiro livro do primeiro volume dos *Collected Pappers* [CP 1.284-353]), o enfoque principal dessa pesquisa (no âmbito da Fenomenologia peirceana) é o artigo “Sobre uma nova lista de categorias” (“On a New List of Categories”, publicado em 1867) e, sobretudo, a revisão pela qual passaram as categorias fenomenológicas entre 1870 e 1890 quando Peirce passa a trabalhar com o que era chamado de Lógica das Relações (cf. “original statement” e “notes on the preceding” em CP 1.545-567). Como textos de apoio relativos à Fenomenologia, podemos fazer referência aos seguintes trabalhos: Hookway, 1985; Fisch, 1986; Murphey, 1993; Ransdell, 1997, Rosenthal, 1997. O foco da já referida fase (prévia) de formalização/axiomatização desta pesquisa, no que diz respeito a essa primeira teoria peirceana a ser analisada, são as relações inter-categoriais (isto é, as relações de “dependência” e “independência” entre as categorias fenomenológicas).

Com relação à Teoria Geral dos Signos (ou Gramática Especulativa) elaborada por Peirce como primeira subdivisão da Semiótica, o enfoque dessa pesquisa deverá incidir sobre os textos peirceanos que tratam das definições formais de Signo (CP 1.541, 2.92, 2.242), tratam da relação entre o Signo (que pertence ao domínio da Semiótica) e a terceiridade (que é uma categoria fenomenológica e, portanto, pertence à Fenomenologia [p. ex., CP 1.537]) e tratam das divisões e classificações sgnicas. No que diz respeito a este último ponto, iremos trabalhar apenas com a classificação relativa às dez classes de signos e o texto que tomaremos como parâmetro é aquele apresentado em CP 2.254-264. Os textos de apoio são: Savan, 1977; Queiroz, 1997; Santaella, 2000. E no que diz respeito a essa segunda teoria peirceana a ser analisada, o foco da fase de formalização/axiomatização será não só a “fundação” do conceito de signo na terceira categoria fenomenológica mas, principalmente, as relações entre as dez classes de signos (elaboradas no âmbito da Teoria Geral dos Signos).

E no que diz respeito à Teoria das Matrizes elaborada pela semioticista Lucia Santaella, a parte que escolhemos como objeto de estudo é relativamente maior se comparada ao recorte realizado nas demais teorias que fazem parte do *corpus*. O foco dessa pesquisa deverá recair sobre as relações gerais entre cada uma das três matrizes (de forma similar ao recorte feito nas três categorias fenomenológicas e nas dez classes de signos) e também nas relações entre cada uma das matrizes com o seu eixo específico. Portanto, inicialmente, ficam de fora as subdivisões previstas pela teoria em cada uma das matrizes (bem como o cruzamento entre elas). O recorte, na Teoria das Matrizes, fica apenas no primeiro nível desta teoria (que acreditamos ser a parte elementar desse corpo teórico).